

## Filosofia e Psicanálise: diálogos possíveis

Este número da revista *ETD - Educação Temática Digital* foca um tema promissor: as relações entre Psicanálise e Filosofia. E o foca desde uma perspectiva problematizadora: haverá um diálogo possível entre elas?

De forma deliberada, ao intitular esta Apresentação, introduzo algumas diferenças no título da temática deste número. Dou primazia à Filosofia, colocando-a antes da Psicanálise, uma vez que aquele, e não este, é meu campo de atuação; e transformo a interrogação sobre um diálogo possível em uma afirmação de possíveis diálogos, no plural. E o faço por uma única razão: embora o tema proposto aos autores tenha sido o título oficial desta edição, o resultado que encontramos ao ler o conjunto de textos ora publicado é a afirmação das mais variadas possibilidades de diálogo entre estes dois campos de saber. De um lado, a antiguidade da Filosofia, um dos mais antigos saberes sistematizados produzidos pelos seres humanos; de outro lado, um dos mais recentes campos de saber sistematizado, forjado na aurora do século XX e desenvolvido junto com esse século que ficou para trás. Entre eles, e para além deles, uma infinidade de possibilidades.

Penso não ser exagerado afirmar que o conceito de inconsciente foi um dos que mais impactou a Filosofia do século XX. Talvez intuído por Nietzsche em sua crítica do racionalismo moderno, mas jamais nomeado por ele, coube a Freud lançar, nos terrenos mais duros da Medicina e da Psicologia, os elementos que culminariam na nomeação do conceito e em sua transformação no pilar do método psicanalítico.

Se a Filosofia moderna começou com Descartes, ela principiou com a afirmação absoluta da consciência: minha existência é garantida, justificada, possibilitada por meu pensamento. Há um sujeito que pensa, um sujeito íntegro, fechado em si mesmo, identidade absoluta. Identidade e integridade do sujeito: aí estão as condições fundamentais para que possa emergir o pensamento. E estes pilares sustentam a construção de uma Filosofia centrada na consciência, que encontrará sua máxima expressão em Hegel e seus principais desdobramentos com o método fenomenológico, desenvolvido por Edmund Husserl quase em paralelo, em termos temporais, com o desenvolvimento do método psicanalítico.

É justamente essa moderna Filosofia da consciência – essa Filosofia centrada na consciência – que Freud vai abalar com a noção de inconsciente. Como diria Lacan, em algum lugar que não sei precisar, eu não sou porque eu penso – a afirmação cartesiana – mas sou exatamente onde *não me penso*, isto é, no inconsciente.

Por essa razão, não se fez Filosofia no século XX – a não ser em certas modalidades de Filosofia analítica, voltadas para uma análise lógica da linguagem – senão passando pelo conceito de inconsciente. Para afirmá-lo ou para negá-lo; para tomá-lo tal como proposto por Freud ou para reformulá-lo, nas mais diversas direções. Mas sempre passando por ele.

São mais do que conhecidos os trabalhos dos filósofos do Instituto para a Pesquisa Social, vinculado à Universidade de Frankfurt – a chamada “Escola de Frankfurt”, dos quais especialmente Herbert Marcuse e Erich Fromm produziram suas obras numa releitura de Freud e numa releitura de Marx, explicitando a possibilidade de um diálogo da Psicanálise com a Filosofia. Este talvez seja o principal exemplo do pensamento no século XX que promoveu este diálogo numa perspectiva afirmativa.

No tocante a um diálogo de natureza mais polêmica, que enfrenta a produção de Freud numa perspectiva de ordem crítica, cito apenas dois exemplos, próximos a mim. O primeiro é o de Jean-Paul Sartre. Em *O ser e o nada*, uma das obras seminais do século passado, o filósofo, ao produzir o que ele denomina uma “ontologia fenomenológica”, portanto, imerso na tradição de uma Filosofia da consciência, propõe uma “psicanálise existencial”, uma psicanálise sem inconsciente. Para Sartre é inconcebível a noção de inconsciente, uma vez que o ser humano é *humano*, destacado do mundo das coisas, justamente por ser um corpo consciente. Ele chega a falar em situações pré-conscientes, mas são as estruturas imediatas da consciência que dão ao humano sua possibilidade de *existir*. Hegel e Husserl fornecem as bases para a criação conceitual sartreana, mas Freud é seu referente central.

O segundo exemplo, também da Filosofia francesa do século XX, é o de Gilles Deleuze. É sabido que, em parceria com Félix Guattari, Deleuze foi um crítico da Psicanálise, em especial daquela que produziam Lacan e seus seguidores. Em uma obra do início da década de 1970, Deleuze e Guattari colocam em questão a universalidade do Complexo de Édipo, central no método freudiano, denunciando seu caráter histórico e capitalista. Em 1973, Deleuze participou de um colóquio sobre psicanálise e política em Milão, e circularam duas diferentes versões do texto que ele apresentou então: uma originariamente publicada em italiano e depois traduzida ao francês; e uma segunda, do próprio Deleuze, escrita em francês. Em uma versão, o autor fala em “quatro proposições sobre a psicanálise” e, na outra, em “cinco proposições”. Limito-me aqui apenas a indicá-las, de modo resumido:

1. A psicanálise impede a produção de desejo.
2. A psicanálise impede a formação de enunciados.
3. A psicanálise dispõe de uma máquina automática de interpretação.
4. A psicanálise implica uma relação de forças particular, centrada num contrato de natureza burguesa e liberal.
5. Não lhes interessa – a Deleuze e a Guattari – participar numa perspectiva freudo-marxista.

Com base nessas proposições, Deleuze e Guattari rejeitam a Psicanálise – e criam o que denominam de “esquizoanálise” –, mas não rejeitam o conceito de inconsciente. Ao contrário, buscam potencializá-lo numa outra direção. Se Freud tomou o desejo como falta e o inconsciente como o lugar da interpretação, o palco, os autores franceses tomam o desejo como produção e o inconsciente como sua usina, isto é, o local de sua produção.

Minha intenção, ao trazer estes dois exemplos, não é tomar partido por nenhum deles; nem o de Sartre, que recusa o inconsciente para afirmar uma *outra* Psicanálise, nem o de Deleuze e Guattari, que recusam a Psicanálise para afirmar um *outro* inconsciente. Trago-os para tentar argumentar em torno da afirmação de que a Filosofia produzida no século XX foi quase unanimemente produzida em diálogo com a Psicanálise, por mais controverso, polêmico ou desafiador que este diálogo possa apresentar-se.

No conjunto de textos desta publicação, o leitor encontrará também muita diversidade: autores que tomam este diálogo mais pela perspectiva da Psicanálise; autores que o fazem mais pela ótica da Filosofia. Autores que buscam este diálogo na ordem interna dos campos de saberes; e autores que o fazem na articulação destes campos de saber com saberes de outras ordens – às vezes, saberes “fora da ordem” – como os do campo da Educação.

E, desde meu ponto de vista, é justamente nesta multiplicidade de perspectivas, de pontos de vista, neste mosaico de ideias, que reside a principal riqueza deste conjunto de textos que a revista *ETD - Educação Temática Digital* agora oferece a seus leitores. Que as diversas leituras façam proliferar ainda outros sentidos, outras possibilidades. Outros diálogos possíveis. Porque apenas assim avança o pensamento.

*Sílvia Gallo*  
Professor Doutor do Departamento de  
Filosofia e História da Educação – DEFHE  
e Coordenador de Pós-graduação da  
Faculdade de Educação da Unicamp;  
Pertence ao GPEDIS – Grupo de Estudos e  
Pesquisa Diferenças e Subjetividades  
em Educação  
E-mail: [gallo@unicamp.br](mailto:gallo@unicamp.br)